

RESENHA

PADURA, Leonardo. *O homem que amava os cachorros*. São Paulo: Boitempo, 2013

Revoluções e cachorros

ANGELITA MATOS SOUZA*



O romance histórico *O homem que amava os cachorros*, do cubano Leonardo Padura, narra a história do assassinato de Leon Trotsky por Ramón Mercader. A dimensão ficcional fica por conta sobretudo do narrador-personagem, Ivan (ou Daniel), um escritor-veterinário cubano que teria conhecido Mercader numa Cuba opressiva e mais tarde devastada economicamente pelo fim da URSS. Porém o foco do livro não é o fracasso da revolução cubana (abordado sutilmente) e sim as atrocidades do stalinismo, passeando por fatos históricos como a guerra civil espanhola, a 2ª GM, a guerra fria, a URSS pós-Stalin.

Em resumo, para além do objetivo de escrever um romance, talvez policial (o autor é conhecido por seus romances policiais), embora sem suspense à medida que o desfecho é conhecido, predomina no romance de Padura o desejo de revisão da história do comunismo, cujo resultado é um tanto maniqueísta: do lado do mal, Stalin e seus seguidores; do outro lado Trotsky e afins, apesar de violências cometidas a seu mando e do personalismo que, nuançado, não deixa de compor o revolucionário de Padura.

E posso ser injusta, mas achei que há no romance um quê de *O livro negro do*

comunismo e que talvez resida aí a causa do seu sucesso. Sem falar no ressentimento com Cuba (compreensível) como possível motivação, Ilha a qual o autor nunca abandonou, ao que tudo indica, pela mesma razão de seu alterego Ivan: medo. O sentimento garantidor por excelência de toda ordem social, que Stalin e tantos outros souberam impor por meio da violência sem limites. Até mesmo Trotsky, antes de ser banido da URSS teria agido de forma *stalinista*, em episódios como o da Revolta de Kronstadt.

Tudo parece bastante atribuível ao azar histórico que levou ao poder o gênio do mal chamado Stalin, sendo os personagens comunistas alinhados à União Soviética figuras problemáticas (como Mercader e sua mãe), que odeiam, odeiam e odeiam. É simplesmente assim. Revolucionários “do bem” (trotskistas, anarquistas e anti-stalinistas em geral) são figuras igualmente complicadas, divididos em facções inúmeras, digladiando entre eles e, dessa forma, facilitando a vitória dos fascistas na Espanha, com a ajuda, claro, de Stalin, mais interessado em eliminar revolucionários considerados inimigos do que em salvar a República espanhola. Como todos sabem, a esquerda está sempre brigando entre si e, por isso, sofre

derrotas recorrentes, eis afinal uma das mensagens sublinhadas do livro.

A preservação da vida de Trotsky foi possível enquanto útil à eliminação de “todos que conheceram Lênin”, acusados de alianças com o renegado em processos judiciais mirabolantes, marcados pelas *confissões* e execuções dos personagens proeminentes da revolução bolchevique. Sem falar dos assassinatos em massa nos processos de coletivização forçada, nos campos de concentração, pela fome, frio, miséria etc. Em suma a destruição por Stalin de um sonho – o da sociedade igualitária e (por que não?) libertária – e sua substituição por um regime totalitário similar ao nazismo. No bojo dessa história a própria Ilha do autor e as mazelas decorrentes da revolução e alinhamento com Stalin.

Não que os fatos históricos mencionados e outros que recheiam o romance sejam inverídicos, infelizmente estão longe disso e, sob qualquer ponto de vista, são merecedores de crítica e rechaço enfático. Entretanto, uma revisão histórica se realizada com responsabilidade política deve partilhar de uma visão menos simplória e maniqueísta dos processos históricos e, neste sentido, existem estudos excelentes sobre história do século XX, marxistas e não marxistas.

Do ponto de vista literário, não se pode afirmar que seja um romance pleno de lirismo/poesia, o que é mesmo difícil de encontrar em escritores de romances policiais. Todavia, também faltou suspense/emoção e não apenas porque o desfecho é conhecido, mas porque não estamos diante daqueles *thrillers* que fazem desejar reabrir o livro o mais rápido possível a fim de saber como vão os preparativos para o assassinato do protagonista. Por sua vez, é pobre a dimensão psíquica dos personagens (do assassino Mercader e do próprio

Trotsky). E sequer do romance entre Leon Trotsky e Frida Kalho se extraí alguma emoção, de fato é um livro bem pouco excitante.

Finalmente, é preciso ser muito trotskista (ou anticomunista) para considerar o livro uma obra-prima do ponto de vista literário. E acho que até Trotsky, letrado como era, concordaria comigo. No entanto, também não é um romance para ser abandonado antes do final (e são 600 páginas!), apenas não parece uma grande obra literária, que sobreviverá aos tempos e daqui cinquenta anos (e nem falo séculos) ainda lida e discutida.

A terceira e última parte é a melhor, as análises do mentor de Mercader, vítima da *gratidão* costumeira de Stalin para com colaboradores, após temporada preso, foi solto e salvo devido à morte do responsável pela destruição do sonho socialista, com a ajuda de indivíduos, como ele e Mercader, cegos pela ideologia e/ou pelo medo. Última parte na qual o *revisionismo* histórico predomina, assim como digressões sobre o medo (também simplórias), tendo como cenário uma URSS pós-Stalin. O encerramento da leitura produz certa ambiguidade, porque felizmente acabou (o stalinismo e/ou o livro), mas pelos tempos atuais, caracterizados pelo sucesso de um livro tão reacionário e entre aqueles que se dizem à esquerda, ao mesmo tempo em que o sucesso não deixa de ter pertinência.

Recebido em 2014-04-30
Publicado em 2014-06-13



* ANGELITA MATOS SOUZA é Doutora em Economia pelo IE/Unicamp e Professora na UNESP, campus de Rio Claro.